

ENSAIO FOTOGRÁFICO
“A gente não pode ir lá atrás”:
o quintal, os trabalhadores do lixão e a
escola comunitária de educação infantil

*Vanessa Silva Bernardes*¹
*Leandro Forell*²

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

*Fabiana Gazzotti Mayboroda*³
Centro Universitário Cenecista

Resumo: Algumas das importantes contribuições dos estudos, antropológicos e sociológicos da criança e das infâncias é considerar a agência das crianças e, reconhecer a infância na sua pluralidade. Apresentamos o ensaio fotográfico artesanal constituído a partir de uma etnografia com crianças da escola comunitária de Educação Infantil, localizada dentro de um aterro sanitário, representado emicamente como Lixão, no litoral norte gaúcho, Brasil. Os estranhamentos reverberaram da costura artesanal apreendidas na pluralidade dos olhares e lentes das crianças em diálogo com as singularidades do contexto, revelando subjetividades dos interlocutores – crianças e os/as trabalhadores/as – no cotidiano da escola comunitária de Educação Infantil e do lixão, de modo indissociável.

Palavras-chave: lixão; infâncias; crianças; cotidiano.

BERNARDES, Vanessa Silva; FORELL, Leandro; MAYBORODA, Fabiana G. “A gente não pode ir lá atrás” : o quintal, os trabalhadores do lixão e a escola comunitária de educação infantil. (Ensaio fotográfico). *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 10 (23): 305-314, maio a agosto de 2023. ISSN: 2358-5587

¹ Graduada em Pedagogia (FACOS-UNICNEC, 1999). Especialista em Psicopedagogia- Clínica e Institucional (FUCAP, 2011). Especialista em Educação para diversidade (UFRGS, 2012). Especialista em Gestão da Educação (UFRGS, 2020). Mestra em Educação (UERGS, 2023).

² Graduação em Educação Física pela Universidade Feevale (2002), mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009) e doutorado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

³ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEFID da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, 2017).

“We can't go back there”: the backyard, the dump workers and the community school of early childhood education

Abstract: Some of the important contributions of anthropological and sociological studies of children and childhoods is to consider the agency of children and to recognize childhood in its plurality. We present the craft photographic essay constituted from an ethnography with children from the community school of Early Childhood Education, located inside a landfill, emically represented as Lixão, in the northern coast of Rio Grande do Sul, Brazil. The strangeness reverberated in the handmade sewing seized in the plurality of looks and lenses of the children in dialogue with the singularities of the context, revealing subjectivities of the interlocutors – children and workers - in the daily life of the community school of Early Childhood Education and the dump, in an inseparable way.

Keywords: lixão; childhoods; children; daily life.

“No podemos volver allí”: el astillero, los trabajadores del vertedero y el escuela comunitaria de educación infantil

Resumen: Algunas de las contribuciones importantes de los estudios antropológicos y sociológicos de los niños y la infancia son considerar la agencia de los niños y reconocer la infancia en su pluralidad. Presentamos el ensayo fotográfico hecho a mano a partir de una etnografía con niños de la escuela comunitaria de Educación Infantil, ubicada dentro de un vertedero, representada emicamente como Lixão, en la costa norte de Rio Grande do Sul, Brasil. Los alejamientos reverberaron desde la costura artesanal aprendida en la pluralidad de miradas y lentes infantiles en diálogo con las singularidades del contexto, revelando las subjetividades de los interlocutores –niños y trabajadores- en el cotidiano de la escuela comunitaria de Educación Infantil y el vertedero, de manera inseparable.

Palabras clave: vertedero; infancias; niños; a diario.

Algumas das importantes contribuições dos estudos, antropológicos e sociológicos da criança e das infâncias é considerar a agência das crianças (CORSARO, 2011; PIRES, 2008) e, reconhecer a infância na sua pluralidade (PROUT; JAMES, 1997). Com base nessas abordagens teóricas, apresentamos o ensaio artesanal constituído a partir de uma etnografia com crianças da escola comunitária de Educação Infantil, localizada dentro de um aterro sanitário, representado emicamente como Lixão, no litoral norte gaúcho, Brasil.

A Escola Comunitária de Educação Infantil iniciou o atendimento às crianças no ano de 2008, a partir da necessidade de um grupo de catadores de lixo que trabalham junto ao aterro sanitário. Dentre os trabalhadores, de forma específica, destaca-se o número expressivo de mulheres, que necessitam desta fonte de renda para manter e subsidiar suas famílias.

Durante as inserções no campo com/das crianças, durante o ano de 2022, sentiu-se a necessidade de torná-las informantes, em atores sociais produtores de informação da pesquisa. Oportunizou-se que cada criança pudesse manusear câmeras de celulares, como instrumento de produção de informação a partir do olhar das crianças. O instrumento fotográfico (BARTHES, 1984) emergiu de forma complementar e interdependente, para reflexividade do diário de campo (WINKIN, 1998) durante a etnografia, permitindo observar diretamente o que as crianças simbolizam e como simbolizam (GEERTZ, 1989) e, ouvir o que elas têm a dizer sobre o contexto em que estão inseridas (COHN, 2005).

A partir do tensionamento, *“A gente não pode ir lá atrás, as mães não deixa”* (Diário de Campo, 2022), fomos provocados pelas crianças a realizar um passeio no quintal, área territorial que cerca a escola e o aterro sanitário. Os estranhamentos reverberaram da narrativa fotográfica produzida artesanalmente e apreendidas na pluralidade dos olhares e lentes das crianças em diálogo com as singularidades do contexto, revelando subjetividades dos interlocutores – crianças e os/as trabalhadores/as – no cotidiano da escola comunitária de Educação Infantil e do lixão, de modo indissociável.



Fotos 1 e 2: Galpão do Aterro Sanitário: “*As mães trabalham lá atrás*” (Diário de campo, 2022). Fonte: Narrativas fotográficas produzidas pelos informantes, 2022.



Fotos 3 e 4: A chegada de lixo e o consentimento para fotografar: *“Pode ir lá falar?”* (Diário de campo, 2022).
Fonte: Narrativa fotográfica produzida pela pesquisadora, 2022.

BERNARDES, Vanessa Silva; FORELL, Leandro; MAYBORODA, Fabiana G.
“ A gente não pode ir lá atrás”



Fotos 5, 6 e 7: Primeiro processo de triagem do lixo – abrir os sacos e ciscar: *“Tem muito lixo, o cheiro tá podre”* (Diário de campo, 2022). Fonte: Narrativas fotográficas produzidas pelos informantes, 2022.



Foto 8: Segunda etapa da triagem do lixo – a esteira. *“Olha lá, as mães na esteira”* (Diário de campo, 2022).
Fonte: Narrativa fotográfica produzida pelos informantes, 2022.

BERNARDES, Vanessa Silva; FORELL, Leandro; MAYBORODA, Fabiana G.
“ A gente não pode ir lá atrás”



Fotos 9 e 10: Tenda dos plásticos e papelões para comercialização. “O que tem lá no galpão branco?” (Diário de campo, 2022). Fonte: Narrativa fotográfica 9 produzida pela pesquisadora. Narrativa fotográfica 10 produzida pelos informantes, 2022.

Recebido em 14 de março de 2023.

Aceito em 30 de agosto de 2023.

Referências

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

PIRES, Flávia. Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças. *Cadernos de Campo*, 17 (17): 133-151, 2008.

PROUT, Alan; JAMES, Allison. A new paradigm for the sociology of childhood?: Provenance, promise and problems. In: JAMES, A.; PROUT, A. (eds.). *Constructing and reconstructing childhood*. Routledge, 1997. pp. 6-28.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

BERNARDES, Vanessa Silva; FORELL, Leandro; MAYBORODA, Fabiana G.
“ A gente não pode ir lá atrás”

VOLUME 11
NÚMERO 26
(MAIO/AGO.2024)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

IDENTIDADES, DIFERENÇAS E VIOLÊNCIA NA CULTURA UNIVERSITÁRIA

COORDENADORES:

CATARINA DALLAPICULA (UEMG)

JUSSARA CARNEIRO COSTA (UEPB)

Verifica-se nas últimas duas décadas a crescente ocupação de espaço em diferentes universidades por iniciativas voltadas à problematização de violências motivadas por discriminações associadas a marcadores sociais de gênero, raça e sexualidade, dentre outros. Não obstante, diferentes universidades têm se tornado foco de notícias em casos de assédio sexual, assédio moral, perseguição política, racismo institucionalizado (ou não), capacitismos e violências de gênero manifestas das mais diversas formas, indicando que o espaço ocupado pelas discussões dos fenômenos nem sempre incide na transformação efetiva da cultura universitária. Na experiência brasileira, sua persistência coexiste com o adensamento da segregação interna orientada por dinâmicas de gênero, como vem apontando os indicadores reunidos pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Simultaneamente, persistem os entraves associados à permanência de pessoas que adentram o espaço universitário através das políticas criadas para combater as dificuldades de acesso associadas a gênero, raça, sexualidade e outros marcadores da diferença. Raramente discutidas no interior das universidades, frequentemente as experiências ganham notoriedade em espaços que lhes são exógenos. Na grande mídia ou nas redes sociais, são apresentadas como casos isolados em narrativas alheias às relações sociais da ciência e tecnologia que atuam na tessitura dos quadros e cenários em que se encontram inscritos os corpos marcados pela diferença. Muitas vezes são utilizadas para corroborar argumentos favoráveis à diminuição do investimento público e à gradativa privatização dos serviços oferecidos pela universidade pública. Compreendendo que a ausência de discussão e tratamento do fenômeno, em espaços endógenos à universidade, contribui para o enfraquecimento da sua legitimidade social e, concomitantemente, contribui para adensar as ameaças a sua sobrevivência como ente público, o presente dossiê se propõe a contribuir para a problematização dessas relações. Vislumbrando abordagens que contemplem desde a dimensão epistêmica dos arcabouços pedagógicos à apresentação de estudos de caso sobre experiências acumuladas, os artigos poderão resultar de reflexão ensaística ou de pesquisas desenvolvidas nessa direção.

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
28 DE FEVEREIRO
DE 2024

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

26